

OS DEUSES ESTRANHOS DA CIÊNCIA MODERNA

Adauto J. B. Lourenço

Preletor da I conferência Fiel para Jovens - Julho de 2003

“Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.”

Romanos 1.20-23

Certa vez fui confrontado por um professor de filosofia de uma universidade. Eu havia acabado de dar uma palestra sobre o criacionismo¹ e, para aquele homem brilhante e tão cheio do conhecimento do presente século, era inadmissível que alguém pudesse ser um cientista sério e honesto e crer em uma “idéia tão desprovida de embasamento científico como a da existência de Deus”.

Ele foi direto ao ponto. “O se-

nhor não tem como provar a existência de Deus. Vá a um laboratório e prove que Deus existe!”, disse ele.

“O senhor tem toda a razão”, respondi ao professor. Depois de uma breve pausa, continuei: “Mas o senhor também não tem como ir a um laboratório e provar que Deus não existe. Tudo é uma questão de crer. Eu creio que Deus existe, e o senhor crê que Ele não existe”.

Naquele momento, havia sido estabelecida uma base comum para

um diálogo. A confrontação havia sido reduzida a um denominador comum: nós dois éramos “crentes” – eu, crendo que Deus existe; e ele, crendo que Deus não existe. Nós dois criamos e, baseados nas nossas “crenças”, havíamos construído, cada um, uma cosmovisão diferente. Agora não se tratava mais de uma discussão sobre a origem de todas as coisas, simplesmente, e sim do motivo pelo qual cada um de nós havia optado por crer ou não na existência de Deus.

Esta e muitas outras experiências semelhantes têm me levado a considerar a realidade espiritual e científica que vivemos neste início de milênio. Somos ensinados (para não dizer doutrinados) por uma ciência e por um conhecimento científico que nega a existência de Deus! No entanto, na sua base, o ensino científico atual não passa de uma crença. A inexistência de Deus não pode ser provada pela ciência: temos de crer que Deus não existe!

Muitos de nós, homens envolvidos com a ciência e que crêm no Deus da Bíblia, temos visto um número cada vez maior de pessoas que professam o cristianismo e que, sem ao menos refletir sobre o posicionamento ateu da ciência, se prostram e adoram os estranhos deuses que a ciência tem produzido. Tais pessoas não consideram que a proposta da criação do mundo por um Deus pessoal e transcendente é perfeitamente científica, válida e relevante.

OS DEUSES DO ABSURDO E O DEUS RACIONAL

Os primeiros onze capítulos do

livro de Gênesis têm sido tratados como um conto mitológico e não como história. O primeiro capítulo, principalmente, tem sido ridicularizado por conter uma linguagem considerada por muitos como simplista, pela maneira como é relatada a seqüência de eventos sobrenaturais de Deus, através dos quais o universo veio a existir. O que se diz é que qualquer proposição científica, por mais simples que seja, ofereceria uma explicação mais racional sobre a origem do mundo.

Portanto, gostaria que comparássemos não a proposição científica mais simples, e sim a mais complexa já apresentada até o momento sobre a origem do tempo, do espaço, da energia, da matéria,... do universo, a teoria do *big bang*. Começaríamos procurando o que seria a resposta a esta primeira pergunta: **teria Deus criado todas as coisas do nada (teoria da criação *ex-nihilo*), ou todo o universo teria surgido de uma explosão espontânea de um “ovo cósmico” que não passava do tamanho de uma bola de tênis (teoria do *big bang*)?**

Uma segunda pergunta (conforme a idéia científica presente) serviria para validar o questionamento da existência do Criador e do relato de Gênesis. Esta pergunta serviria para comparar o relato de Gênesis 1 com a evidência científica: **teria Deus criado primeiro a luz (dia um) para depois (dia quatro) criar os corpos celestes como o Sol, a Lua, as estrelas, as galáxias...?**

No que diz respeito à segunda pergunta, a ciência afirma categoricamente que a ordem está correta.

Primeiro veio a luz (energia) depois os corpos celestes (matéria). Caso a Bíblia não concordasse neste ponto com a ciência, muitos simplesmente descartariam a teoria do criacionismo, sem ao menos considerar que a ciência já esteve errada inúmeras vezes (até mesmo neste caso da luz ter aparecido antes dos corpos celestes).

Mas, e quanto à primeira pergunta? Teria a ciência conseguido provar uma seqüência de eventos “naturais” e “espontâneos” que teriam produzido o universo que hoje vemos? A resposta é negativa. As leis da física que conhecemos hoje não se aplicam ao modelo do *big bang* quanto ao início do universo. E se as mesmas pudessem ser aplicadas, a ciência não sabe quais seriam as condições iniciais para que essas leis produzissem o universo que hoje conhecemos. E, então, perguntamos: “Quais leis regiam esses eventos cruciais do aparecimento do universo ou quais eram as condições iniciais?” A única resposta que obtemos é: “São leis e condições iniciais ainda desconhecidas”. Mas, se elas são desconhecidas, como aceitá-las? Outra vez a única resposta que obtemos é: crer no que os cientistas estão propondo. Mas crer não é um elemento “religioso”? Sem dúvida. Todos concordamos que crença e fé são elementos religiosos.

Como podem, então, as duas teorias, a teoria da criação *ex-nihilo* e a teoria do *big bang*, serem tratadas tão tendenciosamente, a tal ponto que a primeira é considerada religião e a segunda, ciência, quando as duas possuem um mesmo elemento de base:

aceitar fatos que não podem ser explicados ou demonstrados cientificamente? Em outras palavras, as duas teorias exigem fé!

Neste ponto, a ciência moderna nos apresenta os deuses do absurdo, onde homens mortais, com conhecimento limitado, procuram fazer adeptos às suas crenças. Tomando o conhecimento que possuem das ciências como validação de uma pseudo-autoridade, tais homens procuram remover qualquer traço da necessidade de um Criador que tenha por sua vontade e decreto criado o universo. Aceita-se o absurdo em vez do lógico. E isto é feito apelando para aquilo que eles mesmos condenam: a fé.

Seja observado que muito se tem falado sobre a ciência ser racional, ser lógica. E é verdade. A proposição da existência de um Deus criador do universo é perfeitamente racional, lógica, relevante e também científica. Por que não incluí-la, então, no pensamento científico atual?

Por outro lado, voltando ao *big bang* e ao “ovo cósmico”, apenas como um exercício intelectual, pense na seguinte proposição: coloque tudo o que existe na sua casa dentro de uma bola de tênis... Coloque tudo o que existe no planeta Terra, incluindo o próprio planeta, dentro da mesma bola de tênis... Coloque o sistema solar inteiro, com o sol e todos os planetas e luas, dentro da mesma bola de tênis... Coloque os, aproximadamente, duzentos bilhões de estrelas da nossa galáxia dentro da mesma bola de tênis... Coloque os dez bilhões de galáxias visíveis, com as suas trilhões de trilhões de trilhões

de estrelas dentro da mesma bola de tênis! Perfeitamente racional e lógico? É exatamente isto que nos é passado através da teoria do *big bang* e dos bilhões de anos de existência do universo. Aceitamos os deuses do absurdo em lugar do Criador.

Pensemos um pouco mais nas propostas da teoria do *big bang*.

O que havia antes do *big bang*? Qual evento ou o que desencadeou a explosão (chamada de “big bang”) do “ovo cósmico”? (Causa e efeito precisam fazer parte deste processo. Se explodiu, algo explodiu; e, se houve uma explosão, alguma coisa a iniciou.)

Será que o universo presente não faz parte de uma sucessão cíclica de eventos (teoria dos universos oscilatórios), *big bang* – início, *big crunch* – final, *big bang* – início, *big crunch* – final, e assim por diante? Como saber se estes outros ciclos existiram, sendo que os mesmos não deixam nenhuma evidência da sua existência para o ciclo seguinte (segundo os criadores desta teoria)?

Os cientistas não conhecem as respostas para estas e outras perguntas. Elas não se encontram no campo científico, nem no campo filosófico, e sim no campo da fé.

Assim, os deuses do absurdo continuam sendo criados pelas mentes brilhantes... Deuses esses que não criaram os céus e a terra, pois não possuem poder para fazê-lo (Jeremias 10.1-16).

Contudo, temos no primeiro capítulo das Escrituras não somente o relato de como o universo chegou a existência, mas também da “metodologia de processo” utilizada pelo

Criador. Diferente da proposta de “ovo cósmico” do *big bang*, este capítulo trata de uma criação planejada e organizada pela mente brilhante de Deus. Dias um, dois e três foram dias de criação preparatória. Dias quatro, cinco e seis foram dias de criação para preenchimento. Por exemplo. No dia dois, Deus fez separação das águas, criando o firmamento. No dia cinco, Deus criou as aves para o firmamento que Ele havia criado no dia dois, bem como os enxames de seres vivos para povoar as águas separadas, também no dia dois.

Através da sucessão de eventos da criação, Deus também mostrou a utilização de um “controle de qualidade” aplicado ao seu processo de criação. Uma avaliação foi feita no final de cada passo do processo (cada dia foi avaliado... “e viu Deus que era bom”; observe que apenas o dia dois não recebeu avaliação individual). Outra avaliação foi feita no final do processo todo (Gênesis 1.31).

Ordem, propósito, avaliação, capacidade e planejamento: tudo está dentro da teoria criacionista.

Quero mais uma vez deixar bem claro que a origem do universo, quer seja explicada pela teoria da criação, quer seja pela do *big bang*, sempre será tratada como um evento sobrenatural. A própria Bíblia menciona esta característica em Hebreus 11.3. A questão não é se as duas teorias são científicas: elas são! Mas sim o por quê alguém aceita o *big bang* e rejeita o criacionismo. Em termos científicos, por que alguém acredita na cosmologia² que abraçou? Em termos teológicos, por que alguém acredita

nos deuses do absurdo e não no Deus da Bíblia?

OS DEUSES IMPESSOAIS E O DEUS PESSOAL

A própria razão de estarmos vivos e termos a capacidade de considerar estas questões são indicações de uma realidade que transcende a nossa experiência do cotidiano. Como explicar que uma série de eventos aleatórios e impessoais, movidos por leis científicas desconhecidas, trouxeram a existência seres pessoais e inteligentes

que questionam a sua origem? Como o inanimado se tornou vivo? Como o impessoal se tornou pessoal?

Aqui também uma outra série de informações chega até nós com aparência de um veredito científico onde os deuses impessoais são apresentados. A evolução biológica natural³ (conhecida cientificamente como transformismo) aparece como a resposta científica e racional para a origem da vida. Nela, elementos químicos básicos se transformaram espontaneamente em compostos orgânicos... que espontaneamente produziram seres vivos de extrema simplicidade... os quais espontaneamente e naturalmente aumentaram em grau de complexidade... até chegar ao homem. Não existe a necessidade de um

Criador pessoal, apenas de um processo criador “natural” e “espontâneo”.

No entanto, poucos sabem que toda esta teoria é de caráter especulativo, baseada na interpretação dos fósseis.

Fósseis são animais e plantas que morreram por processos não naturais (se fossem naturais, teriam se decomposto) e cujos vestígios foram incorpor-

corporados ao da rocha onde são encontrados (isto é, quando o animal ou a planta morreu a rocha ainda era “lãma”). Este tipo específico de fóssil aqui

mencionado é o fóssil encontrado em rochas sedimentares. Existem outros tipos de fósseis que são encontrados no gelo, no âmbar, nas turfeiras e ainda alguns são vulcânicos. Pelo fato dos fósseis serem encontrados em camadas que aparecem na crosta da terra, deu-se o nome de “coluna geológica” a estas camadas alinhadas verticalmente. Nesta coluna geológica encontra-se o, então chamado, registro fóssil.

A coluna geológica (com os fósseis nela contidos) é tomada como base fundamental para demonstrar a seqüência de transformações pelas quais os seres vivos passaram desde um passado primevo até o presente. Tomando-se os fósseis encontrados nessas sucessivas camadas, das mais

A proposta da criação do mundo por um Deus pessoal e transcendente é perfeitamente científica, válida e relevante.

profundas até as mais superficiais, pode-se reconstruir a história do desenvolvimento dos seres vivos na terra, afirmam os evolucionistas. No entanto, isto é altamente interpretativo.

A coluna geológica não aparece completa em nenhum lugar do planeta; e onde algumas das camadas aparecem, os fósseis nem sempre estão na ordem proposta pela teoria da evolução.

Não somente isto; o próprio aparecimento das camadas, que segundo a teoria da evolução está relacionado aos processos de erosão e de deposição de sedimentos, pode ser explicado pela hidrodinâmica de um dilúvio universal. Nas águas de um dilúvio global, uma grande quantidade de sedimentos de densidades diferentes nelas suspensos e sob a ação direta do ciclo das marés formaria as mesmas camadas da coluna geológica pelo processo conhecido por “liquefação”.

Neste ponto, o criacionismo e a evolução divergem diametralmente. Para os evolucionistas a coluna geológica tem um caráter cronológico. Para os criacionistas a mesma coluna tem um caráter classificatório. Para o evolucionista isto implica em milhões de anos; para o criacionista em centenas de dias. Os fósseis são os mesmos, as camadas são as mesmas, mas a interpretação é diferente.

Ainda que os fósseis pudessem dar o respaldo necessário para a teoria da evolução com os seus deuses impessoais, como ainda explicar os processos que produziram a complexidade da vida?

Tal complexidade é algo que vai

muito além da nossa compreensão. Como matéria não orgânica poderia produzir algo tão complexo como o DNA (ácido desoxirribonucléico). Como seria isto possível? Como partículas atômicas (irracionais) saberiam qual seria a melhor combinação? Como processos altamente aleatórios escolheriam o caminho da vida e para a vida?

As leis que regem os princípios da vida são tão precisas que apontam para um Criador pessoal e não para uma seqüência de processos aleatórios espontâneos, totalmente impessoais.

A existência de um Deus pessoal que criou todas as coisas, incluindo os seres vivos, implica num padrão moral que toda criatura pessoal e inteligente, criada por Ele, deve se submeter. Ao passo que os deuses impessoais da ciência moderna (os processos naturais e espontâneos) nada têm a dizer sobre moral ou qualquer outro assunto relacionado com o ser humano, pois segundo a evolução somos apenas frutos do acaso.

Deixe-me ilustrar, através de um fato, como a teoria da evolução nos leva a crer nesses deuses impessoais.

Certa vez, ao sair de uma palestra, fui cercado por um grupo de alunos do departamento de biologia daquela universidade. Todos fizeram praticamente a mesma pergunta: “O senhor não crê que a experiência de Stanley Miller, o qual em 1953 produziu aminoácidos (matéria orgânica) de elementos inorgânicos (amônia, metano, hidrogênio molecular e vapor d’água), mostra que processos naturais podem acontecer?”

“Não”, disse a eles. E continuei: “Na experiência de Miller, os pro-

cessos não foram nem naturais nem espontâneos. A experiência que produziu tais aminoácidos foi projetada por uma mente inteligente e pessoal que sabia exatamente o que estava procurando. Isto não é espontâneo. Não somente isto. Miller já conhecia a composição química dos aminoácidos. Ele propôs que o chamado 'caldo primordial' continha os elementos inorgânicos que foram utilizados na experiência. Não havia, como ainda não há, nenhuma prova ou evidência de que o que Miller cha-

mou de 'caldo primordial' seja o que havia na suposta atmosfera ou no suposto oceano primitivo. Isto não é prova a favor da evolução. A experiência do Dr. Miller mostra que vida inteligente consegue produzir material orgânico de matéria inorgânica. Para a evolução esta experiência não ajuda em nada. O problema do aparecimento da vida, segundo a evolução, continua sendo um mistério. Como já foi dito por Randy Wysong: '...a evolução significa a formação de organismos desconhecidos, a partir de produtos químicos desconhecidos, numa atmosfera ou oceano de composição desconhecida, sob condições desconhecidas, cujos organismos sobrevivem então uma escada evolucionista desconhecida, mediante um processo desconhecido, deixando uma evidência desconhecida.' O que se pede

é para crer. Onde estão as evidências?" perguntei aos alunos.

Aqueles alunos, bem como milhões de outros, têm sido levados a crer nos deuses impessoais da ciência moderna, aceitando como evidente aquilo que não é provado.

A origem da vida, quer seja explicada pela teoria da criação, quer seja pela evolução, sempre será tra-

tada como um evento sobrenatural. A questão mais uma vez é: por que alguém aceita a evolução e rejeita o criacionismo? Em termos científicos,

— ■ —
*O criacionismo traz o absoluto
da pessoa de Deus para todas
as áreas, removendo o
relativismo implantado
por conceitos filosóficos.*
— ■ —

por que alguém acredita na cosmogonia⁴ que abraçou? Em termos teológicos, por que alguém aceita os deuses impessoais e não o Deus pessoal da Bíblia?

OS DEUSES HUMANOS E O DEUS TRANSCENDENTE

No começo da década de noventa, os meus estudos me levaram até o Laboratório Nacional de Oak Ridge, nos Estados Unidos. Um dos projetos que participei ali foi o do mapeamento tridimensional do DNA. Havia um grande interesse neste projeto, pois o mesmo fora criado para desenvolver técnicas que auxiliariam no mapeamento genético humano através do DNA (hoje este mapeamento é conhecido como Projeto Genoma Humano).

Ao estudar aquele pequeno filamento encontrado no núcleo das células dos seres vivos, comecei a imaginar a dimensão daquilo que estava à minha frente. Um único filamento de DNA humano chega a ter 2,10 metros de comprimento. Este filamento é invisível a olho nu, por ser ele extremamente fino. O nosso corpo possui cerca de 100 trilhões de células (número estimado pelos cientistas). Multiplicando os 2,10 metros (comprimento do DNA existente em cada célula) pelo número de células do nosso corpo (100 trilhões), foi possível obter um número que seria equivalente a percorrer a distância entre a Terra e a Lua aproximadamente 550.000 vezes. Em outras palavras, se alguém pudesse esticar o DNA de cada célula do corpo humano e colocá-los todos ponta-a-ponta, teríamos um fio finíssimo com cerca de 21 milhões de quilômetros! Tudo isto só de informação genética.

O conhecimento genético sobre o ser humano nos colocou diante de um mundo imenso de complexidade. Complexidade essa que não pode ser explicada apenas como “tendo acontecido espontaneamente”!

Esta é a parte biológica e através dela contemplamos a beleza da “máquina humana”.

Mas afinal, somos apenas “reações químicas” ou existe algo mais? O que dizer da nossa parte volitiva, intelectual e emocional? Da nossa mente? Na verdade, o que é o ser humano?

O estudo da psiquê humana (psicologia) é a ciência que trata da mente e do comportamento do ser humano. Ela foi a grande ciência do século XX

e tem sido a do começo do século XXI. Moldamos as nossas leis baseados nas suas “proposições”; moldamos a educação dos nossos filhos baseados nas suas “proposições”; moldamos o comportamento da sociedade, da família, dos indivíduos baseados nas suas “proposições”; moldamos a nossa religiosidade baseados nas suas “proposições”; ...valores milenares foram alterados! Nenhuma outra ciência teve um impacto tão profundo na humanidade e em tão pouco tempo como a psicologia.

A psicologia, como as demais ciências, é profundamente orientada por um humanismo ateu. Este humanismo diz que podemos em nós mesmos encontrar a solução para todos os nossos problemas e anseios. O humanismo diz que poderemos um dia dominar tudo e todas as coisas, tornando-nos perfeitos. O humanismo diz que um dia seremos como “deuses”.

E a psicologia, através da roupagem científica, cuidadosamente nos tem dado razões para crer que isso é ou será possível. Não que existam provas e evidências científicas, mas baseadas uma vez mais no crer, pessoas são levadas a viver crendo que obterão as promessas feitas por esta pseudociência.

Tais pessoas adentraram assim a uma religião de deuses humanos, buscando as grandes respostas sobre a mente e o relacionamento humano, como se tais respostas estivessem apenas dentro de cada um de nós. Fomos levados a crer que temos em nós mesmos a capacidade de “consertar” e melhorar, pois afinal estamos evoluindo e a raça humana hoje é apenas

um estágio desta longa cadeia evolutiva de seres vivos. “O que não será a raça humana daqui a 10 milhões de anos? Pense no que éramos a alguns poucos milhões de anos atrás: meros homínídeos (meio primatas, meio seres humanos)”, dizem os cientistas.

A psicologia, sem embasamento científico, dita quais são as regras de comportamento, de conduta, de moralidade, de cidadania e de tantas outras áreas da vida do ser humano, a qual, usando uma vestimenta científica, esconde a sua identidade religiosa.

Pouco se questiona as proposições da psicologia. Diga-se de passagem que, se o mesmo padrão de questionamento usado para com a Bíblia fosse aplicado à psicologia (e com a mesma rigidez), esta há muito teria desaparecido.

Na verdade, podemos entender porque o mundo, a Igreja, os seres humanos em geral estão tão fascinados pela religião da psicologia. Por havermos nos tornado adoradores dos deuses do absurdo e dos deuses impessoais, nos tornamos adoradores de nós mesmos. Nós nos tornamos o padrão de moral, de valores e de princípios. Nós, seres humanos, desesperadamente queremos nos tornar “deuses”.

Aqui também o criacionismo traz a proposta do Deus pessoal, que não somente criou o universo e a terra com o homem para nela habitar, mas que os criou com um propósito. Esse propósito se manifesta no relacionamento do Criador com a criatura e não somente da criatura com o meio físico e social. O criacionismo traz o abso-

luto da pessoa de Deus para todas as áreas, removendo o relativismo implantado por conceitos filosóficos. Não sou eu, nem a sociedade, nem os povos que têm a autoridade para definir o que é certo ou o que é errado: somente o Criador pode fazê-lo.

E aqui o elemento fé uma vez mais se faz necessário. Quando alguém aceita a proposta da psicologia sobre como se deve viver (seja qual for a área de relacionamento, problema, doença, etc.), essa pessoa estará fazendo uso da sua fé no que lhe é proposto. Quando alguém aceita os princípios do Criador contidos nas Escrituras, ele também o faz pela fé. Portanto, a base continua sendo a fé. A pergunta que uma vez mais se destaca é: Por que alguém aceita os conselhos da psicologia e rejeita os padrões do Criador expostos na Bíblia?

ATÉ QUANDO COCHEAREIS ENTRE DOIS PENSAMENTOS?

(1 Reis 18.21)

Cada vez menos, nós, o povo de Deus, temos ousado levantar as nossas vozes para dar a razão da esperança que há em nós (1 Pedro 3.15), por acharmos que a ciência tem provas e evidências conclusivas sobre a origem do homem e do universo. A grande verdade é que a ciência, além de não ter essas provas, também se apóia na crença das suas pressuposições, para estabelecer as suas “verdades”.

Precisamos rever o que nós cremos e por que cremos no que cremos. Qual a razão da nossa fé?

Precisamos parar e começar a pensar cientificamente, como o fize-

ram muitos dos homens do passado. Em vez de aceitar, devemos questionar racionalmente até encontrarmos as respostas verdadeiras.

A ciência exige uma causa para todo efeito...

A causa do sem fim é a existência do infinito (2 Crônicas 6.18);

da eternidade é a existência do eterno (Salmos 90.2);

do espaço ilimitado é a onipresença (Jeremias 23.24);

do poder é a onipotência (Isaías 40.25-26);

da sabedoria é a onisciência (Salmos 139.1-18);

da personalidade é o individual (Isaías 49.13);

das emoções é o emocional (Isaías 63.15);

da vontade é a volição (Apocalipse 4.11);

da ética é a moral (Deuteronômio 4.8);

da espiritualidade é o espiritual (João 4.24);

da beleza é a estética (Salmos 27.4);

da retidão é a santidade (Levítico 19.2);

do amar é o amor (1 João 4.8);

da vida é a existência (Êxodo 3.14).

“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criastes, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”

(Apocalipse 4.11).

¹ Criacionismo: teoria científica baseada em evidências na biosfera, acima da biosfera e abaixo da biosfera, a qual propõe que todas as coisas criadas constituem o produto de um ato único e soberano por parte de um Criador (Deus) onisciente, onipotente e pessoal, o qual não depende da sua criação para a sua existência, nem é parte dela. (Definição generalizada pelo autor.)

² Cosmologia: ciência que estuda o universo físico atual e o seu aparecimento e origem.

³ Evolução Biológica: teoria científica que propõe o aparecimento da vida, o aumento de complexidade e diversidade como resultados de processos naturais.

⁴ Cosmogonia: ciência que estuda o aparecimento da vida.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

Quem pensa que pode haver um conflito real entre ciência e religião deve ser muito inexperiente em ciência ou muito ignorante em religião.

Phillip Henry

ATEÍSMO? — IMPOSSÍVEL!

John Blanchard

Em uma pesquisa de opinião, realizada na Inglaterra, em 2001, 38% dos entrevistados declararam que não eram religiosos. Outras pesquisas demonstram que aproximadamente a metade desses “não-religiosos” iria mais além e diria que é ateuista.

Para algumas pessoas, o ateísmo parece algo estimulante e agradável. Afinal de contas, se Deus não existe, não há necessidade de nos inquietarmos a respeito de padrões de comportamento e de moralidade. Somos totalmente livres para “fazer o que desejamos”.

E, o melhor de tudo, quando morreremos, não teremos de responder perguntas desagradáveis ou nos depararmos com a possibilidade de sermos punidos por aquilo que pensamos, falamos ou fizemos. Isso parece maravilhoso!

Mas, com certeza, o mais importante não é calcularmos os benefícios

aparentes do ateísmo, e sim perguntarmos: *o ateísmo é verdadeiro?*

Tenho passado vários anos estudando esta pergunta e cheguei à conclusão de que *não é possível que o ateísmo seja verdadeiro*. O ateísmo suscita muitos problemas. Pretendo descrever alguns desses problemas.

REALMENTE IMENSO

Citando Douglas Adams: “O espaço é imenso, realmente imenso. Você não pode acreditar em quão terrivelmente imenso é o espaço. Quero dizer: você pode imaginar que o espaço é semelhante àquele longo caminho que o leva ao consultório do dentista, mas isso é apenas um amendoim em comparação ao espaço”.

O autor de “O Guia do Viajante da Galáxia” (*The Hitchhiker’s Guide to the Galaxy*) estava correto. Tente contemplar as estrelas em qualquer noite de céu limpo e você perceberá

o que estou dizendo. Se a terra fosse do tamanho de um ponto final neste artigo, a lua estaria distante 1 centímetro e meio; o sol se localizaria a 5,7 metros da terra, e a estrela mais próxima estaria a 1618 quilômetros.

Nós ainda estaríamos a uma distância de 37.619.000 quilômetros da Via Láctea e a 752.369.000 quilômetros da galáxia de Andrômeda. Esse universo terrivelmente imenso faz surgir perguntas inquietantes para o ateuista.

Como tudo veio a existir? Por que o universo é assim? De onde vêm as leis da natureza? Por que existem ordem e planejamento tão admiráveis no universo?

Falar sobre uma “Grande Explosão” não nos leva a lugar algum. De onde surgiu o material que supostamente teria causado a “explosão”? E como essa explosão foi capaz de produzir beleza, ordem e planejamento?

O MISTÉRIO DA VIDA

A existência da vida é um problema ainda maior para os ateuistas. Um famoso erudito declarou que a idéia de a vida ter se originado por acaso é semelhante a obtermos um dicionário completo como resultado da explosão de uma gráfica!

Podemos realmente crer que... era uma vez um tempo remoto em que não havia nada; de repente, “alguma coisa” (uma partícula de poeira?) apareceu e produziu, por si mesma, toda a vida? A complexa “linguagem dos genes” (o código genético) criou-se a si mesma? Sistemas biológicos imensamente complexos, tal como o olho humano, apenas apa-

receram de alguma maneira? Isso é contar histórias infantis!

O MILAGRE DO HOMEM

Os seres humanos são verdadeiramente admiráveis! Organizado em “fila única”, o DNA, em qualquer um de nós, se estenderia até ao sol e retornaria mais do que 100 vezes! Durante a sua vida média, o cérebro humano processa informações suficientes para encher a capacidade de 7.142.857.142.860.000 de disquetes de computador!

Podemos falar, pensar, contar, apreciar a beleza e construir relacionamentos pessoais. Temos o senso do que é correto e do que é errado. Fazemos perguntas tais como: “De onde eu vim? Por que estou aqui? Para onde estou indo?”

Acima de tudo, os seres humanos têm um instinto religioso profundamente arraigado em seu íntimo, um senso de que existe algo (ou alguém) maior do que nós mesmos. Essas coisas não podem ser ditas a respeito de qualquer outra criatura — tente pedir a um gato ou a um cachorro que leia esse artigo! Por que somos tão singulares?

CLASSE DIFERENTE

A resposta dos ateuistas para a existência do universo, o mistério da vida e o milagre do ser humano é dizer que tudo isso veio à existência por acidente. Mas isso realmente não faz sentido.

Se nosso cérebro resulta de acidente, isso também ocorre com os nossos pensamentos. Por que deve-

mos acreditar em qualquer coisa que eles nos dizem? Como podemos saber a verdade a respeito de alguma coisa?

Se todos os aspectos da vida resultam de acidente, por que devemos nos importar com nosso comportamento? Por que devemos nos esforçar para sermos decentes, honestos ou gentis? Por que devemos nos preocupar com os doentes, ajudar os necessitados ou consolar os que estão às portas da morte?

Se nós somos apenas filhos do acaso, meros acidentes da evolução, não existe motivo para reivindicarmos que temos mais dignidade do que os porcos, os mosquitos ou os sapos. No entanto, nós realmente temos dignidade! Por quê? O que nos coloca em uma classe diferente?

CRIADOS POR DEUS

A resposta bíblica para essas perguntas é que o universo maravilhoso em que vivemos foi criado por Deus. Ele também criou o homem “à sua imagem”, distinto de todo o resto da criação, capaz de viver em um relacionamento pessoal com seu Criador.

Esse relacionamento foi arruinado pelo pecado, mas Deus, em sua grande misericórdia, veio ao mundo na pessoa do Senhor Jesus Cristo. Ele providenciou um meio pelo qual o relacionamento pode ser restaurado.

Muitas pessoas, na História, vieram a Jesus e creram nEle, comprovando assim que Deus restaurou seu relacionamento com elas. Peça a Deus que faça isso por você!



Naturalmente somos todos famintos, vazios, desamparados e estamos prontos a perecer. Perdão para todos os pecados, paz com Deus, justificação, santificação, graça na jornada terrena e glória na vida além são as graciosas provisões que Deus preparou para atender as necessidades de nossa alma. Não existe nada que os corações sobrecarregados pelo pecado desejam ou as consciências fatigadas exijam que em Cristo não seja colocado diante dos homens em rica provisão. Em poucas palavras, Cristo é a síntese e a substância da “grande ceia”.

J.C. Ryle

COMO EVITAR DESEQUILÍBRIOS RELIGIOSOS

A. W. Tozer

*“E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta
esperança, assim como ele é puro.”*

1 João 3.3

Os nossos esforços para sermos corretos nos podem conduzir ao erro.

A operação do Espírito, no coração humano, não é inconsciente nem automática. A vontade e a inteligência humana devem ceder e cooperar com as benignas intenções de Deus. Penso que é neste ponto que muitos de nós se perdem. Ou tentamos nos tornar santos, e, então, falhamos miseravelmente; ou, então, procuramos atingir um estado de passividade espiritual, esperando que Deus aperfeiçoe nossa natureza, em santidade, como alguém que se assentasse esperando que um ovo de pintarroxo chocasse sozinho. Trabalhamos febrilmente, para conseguir o impossível, ou não trabalhamos de forma alguma. O Novo Testamento nada conhece da operação do Espíri-

to em nós, à parte de nossa própria resposta moral favorável. Vigilância, oração, autodisciplina e aquiescência inteligente aos propósitos de Deus são indispensáveis para qualquer progresso real na santidade. Existem certas áreas de nossas vidas em que os nossos esforços para sermos corretos nos podem conduzir ao erro, a um erro tão grande que leva à própria deformação espiritual. Por exemplo:

1. QUANDO, EM NOSSA DETERMINAÇÃO DE NOS TORNARMOS OUSADOS, NOS TORNAMOS ATREVIDOS. Coragem e mansidão são qualidades compatíveis; ambas eram encontradas em perfeitas proporções em Cristo, e ambas brilharam esplendidamente na confrontação com os seus adversários. Pedro, diante do sinédrio, e

Paulo, diante do rei Ágripa, demonstraram ambas essas qualidades, ainda que noutra ocasião, quando a ousadia de Paulo temporariamente perdeu o seu amor e se tornou carnal, ele houvesse dito ao sumo sacerdote: “Deus há de ferir-te, parede branqueada”. No entanto, deve-se dar um crédito ao apóstolo, quando, ao perceber o que havia feito, desculpou-se imediatamente (At 23.1-5).

2) QUANDO, EM NOSSO DESEJO DE SERMOS FRANCOS, TORNAMO-NOS RUDES. Candura sem aspereza sempre se encontrou no homem Cristo Jesus. O crente que se vangloria de sempre chamar de ferro o que é de ferro, acabará chamando tudo pelo nome de ferro. Até o fogoso Pedro aprendeu que o amor não deixa escapar da boca tudo quanto sabe (1 Pe 4.8).

3) QUANDO, EM NOSSOS ESFORÇOS PARA SERMOS VIGILANTES, FICAMOS A SUSPEITAR DE TODOS. Posto que há muitos adversários, somos tentados a ver inimigos onde nenhum deles existe. Por causa do conflito com o erro, tendemos a desenvolver um espírito de hostilidade para com todos quantos discordam de nós em qualquer coisa. Satanás pouco se importa se seguimos uma doutrina falsa ou se meramente nos tornamos amargos. Pois em ambos os casos ele sai vencedor.

4) QUANDO TENTAMOS SER SÉRIOS E NOS TORNAMOS SOMBRIOS. Os

santos sempre foram pessoas sérias, mas a melancolia é um defeito de caráter e jamais deveria ser mesclada com a piedade. A melancolia religiosa pode indicar a presença de incredulidade ou pecado, e, se deixarmos que tal melancolia prossiga por muito tempo, pode conduzir a graves perturbações mentais. A alegria é a grande terapia da mente. “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fp 4.4).

5) QUANDO TENCIONAMOS SER CONSCIENCIOSOS E NOS TORNAMOS ESCRUPULOSOS EM DEMASIA. Se o diabo não puder destruir a consciência, seus esforços se concentrarão na tentativa de enfermá-la. Conheço crentes que vivem em um estado de angústia permanente, temendo que venham a desagradar a Deus. Seu mundo de atos permitidos se torna mais e mais estreito, até que finalmente temem atirar-se nas atividades comuns da vida. E ainda acreditam que essa auto-tortura é uma prova de piedade.

Enquanto os filósofos religiosos buscam corrigir essa assimetria (que é comum à toda raça humana), pregando o “meio-termo áureo”, o cristianismo oferece um remédio muito mais eficaz. O cristianismo, estando de pleno acordo com todos os fatos da existência, leva em consideração este desequilíbrio moral da vida humana, e o medicamento que oferece não é uma nova filosofia, e sim uma nova vida. O ideal aspirado pelo crente não consiste em andar pelo caminho perfeito, mas em ser conformado à imagem de Cristo.

ALGUÉM FOI SALVO NA CRUZ?

James White

Preletor da *XIX Conferência Fiel para Pastores* - Outubro de 2003

“**A**firmamos que Cristo morreu para assegurar a salvação de uma tão grande quantidade de pessoas que ninguém é capaz de enumerar, pessoas que mediante a morte de Cristo não somente podem ser salvas, mas são salvas, têm de ser salvas; e não existe a possibilidade de, por meio de qualquer casualidade, elas serem outra coisa, exceto pessoas salvas” (Charles Haddon Spurgeon).

Houve um tempo em que eu me qualificava como um “calvinista de quatro pontos”. Existem muitos que utilizam essa expressão e, durante quase todo aquele tempo, o único ponto que eu rejeitava era o da “expição limitada”. Existe algo nessas palavras que não soa corretamente. Como pode a expiação realizada por Cristo ser limitada? Isso é exatamente o que eu pensei quando comecei a meditar com seriedade sobre todo o assunto. A minha experiência é que muitos dos que rejeitam a expiação

limitada ou específica de Cristo realmente não crêem na completa soberania de Deus, na total depravação do homem e na eleição incondicional da parte de Deus. Muitas das objeções apresentadas contra essa doutrina são objeções a algum dos assuntos que acabamos de mencionar, e não contra a própria expiação limitada. A “quebra” em minha maneira de pensar resultou da leitura do livro de Edwin Palmer, *Os Cinco Pontos do Calvinismo (The Five Points of Calvinism)*; Grand Rapids, Baker Book House, 1980, pp. 41-55). Ao realizar uma transmissão de rádio a respeito da verdade da graça eletiva de Deus, um ouvinte desafiou-me em relação à morte de Cristo. “Por que Cristo morreu em favor de todo o mundo, se Deus não tencionava salvar todos?” Olhei para meu companheiro de programa, ele olhou para mim; fiz uma decisão mental de estudar mais sobre aquele assunto em

particular. Logo que voltei para casa, peguei o livro de Edwin Palmer e comecei o capítulo que se referia à obra de expiação realizada por Cristo.

Tornei-me um calvinista de “cinco pontos”, ao ler a seguinte seção:

“A pergunta que necessita de uma resposta exata é esta: Cristo realmente fez ou não fez um sacrifício vicário pelos pecados? Se Ele o fez, não foi em favor de todo o mundo, pois, se assim fosse, todo o mundo seria salvo” (Palmer, *Os cinco Pontos do Calvinismo*, p. 47).

Fui confrontado com uma decisão. Se eu continuasse afirmando uma expiação “universal”, ou seja, se eu dissesse que Cristo morreu vicariamente no lugar de todo homem e toda mulher no mundo inteiro, seria obrigado a dizer: 1) que todos seriam salvos; 2) que a morte de Cristo não foi suficiente para salvar sem obras adicionais. Eu sabia que não estava disposto a crer que a morte de Cristo não podia salvar sem as obras humanas. Por conseguinte, eu tive de entender que a morte de Cristo foi realizada em favor dos eleitos de Deus e que ela realiza seu propósito: salva aqueles em favor dos quais ela aconteceu. Nesse ponto, compreendi que durante todo o tempo havia “limitado” a expiação. Na verdade, se você não crê na doutrina reformada da “expiação limitada”, você crê em alguma forma de expiação limitada! Como pode ser isso? A menos que você seja um universalista (ou seja, crê que todas as pessoas serão salvas),

então, você crê que a expiação realizada por Cristo, se foi realizada em favor de todos os homens, é limitada em seus efeitos. Você crê que Cristo morreu em favor de alguém e, apesar disso, aquela pessoa pode ficar perdida por toda a eternidade. Você limita o poder e o efeito da expiação. Eu limito o escopo da expiação, enquanto afirmo que seu poder e efeito são ilimitados! Um escritor expressou isso muito bem, quando disse:

“Não deve haver qualquer mal-entendido quanto a este assunto. O arminiano limita a expiação assim como o faz o calvinista. Este limita a extensão da expiação quando afirma que ela não se aplica a todas as pessoas... o arminiano, por sua vez, limita o poder da expiação, pois ele afirma que ela não salva ninguém. O calvinista limita quantitativamente a expiação, mas não qualitativamente; o arminiano limita-a qualitativamente, mas não quantitativamente. Para o calvinista, a expiação é como uma ponte estreita que segue em todo o caminho por cima do rio; para o arminiano, a expiação é como uma ponte larga que vai somente até metade do caminho. Na realidade, o arminiano coloca mais limitações severas na obra de Cristo do que o faz o calvinista” (Lorraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination [A Doutrina Reformada da Predestinação]*; Philipsburg, New Jersey, Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1932, p. 153).

Não estamos falando sobre apresentar alguma terrível limitação na obra de Cristo, quando nos referimos à “expiação limitada”. Na verdade,

estamos realmente apresentando um ponto de vista mais elevado sobre a obra de Cristo no Calvário, quando dizemos que a morte de Cristo realiza alguma coisa na realidade e não apenas na teoria. A expiação, nós cremos, foi autêntica, vicária e substitutiva; ela não foi uma expiação possível e teórica que, para ser eficaz, depende da ação do homem. E, quando alguém compartilha o evangelho com pessoas envolvidas em falsas religiões, eu afirmo que a doutrina bíblica da expiação realizada por Cristo é uma verdade poderosa e a única mensagem capaz de causar verdadeiro impacto em lidar com os muitos ensinamentos heréticos sobre a pessoa de Cristo apresentados em nossos dias. Jesus Cristo morreu em favor daqueles que o Pai, desde a eternidade, decretou que salvaria. Existe absoluta unidade entre o Pai e o Filho na salvação do povo de Deus. O Pai decretou a salvação deles, o Filho morreu no lugar deles, e o Espírito os santifica e os conforma à imagem de Cristo. Esse é o testemunho coerente das Escrituras.

O INTENTO DA EXPIAÇÃO

Por que Cristo veio ao mundo para morrer? Ele veio simplesmente para tornar a salvação *possível*? Ou Cristo veio para *obter a eterna redenção* (Hebreus 9.12)? Consideremos algumas passagens das Escrituras para responder essas perguntas.

“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lucas 19.10).

Nesse versículo, o Senhor Jesus

mesmo falou sobre a razão de sua vinda — buscar e salvar o perdido. Poucos vêem problema no vir de Jesus; muitos têm dificuldade com a idéia de que Ele realmente realizou *toda* a sua missão. No entanto, Jesus deixou claro que viera para salvar o perdido. Ele fez isso por intermédio de sua morte.

“Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1.15).

Paulo afirmou que salvar pecadores foi o propósito da vinda de Cristo ao mundo. Nada nas palavras do apóstolo Paulo nos leva à conclusão que é tão popular em nossos dias — a morte de Cristo simplesmente torna a salvação em uma *possibilidade*, ao invés de torná-la uma *realidade*. Cristo veio para salvar. Foi isso mesmo que Ele fez? Então, como Ele o fez? Não foi por intermédio de sua morte? Com toda a certeza. A morte expiatória de Cristo outorga perdão de pecados para todos aqueles em favor dos quais ela aconteceu. Essa é a razão por que Cristo veio ao mundo.

A OBRA INTERCESSÓRIA DE CRISTO

“Este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e

feito mais alto do que os céus” (Hebreus 7.24-26).

O Novo Testamento relaciona de maneira íntima a obra de Cristo como nosso Sumo Sacerdote e Intercessor com a sua morte sobre a cruz. Nessa passagem de Hebreus, somos ensinados que o Senhor Jesus, devido ao fato de que Ele vive para sempre, possui um sacerdócio permanente e imutável. Ele não é semelhante aos antigos sacerdotes que morriam; o Senhor Jesus é um perfeito sacerdote, porque permanece para sempre. Por causa disso, Jesus é capaz de salvar totalmente os que por Ele

se achegam a Deus. Por quê? Porque Ele vive sempre para interceder por eles.

Ora, antes de considerarmos a relação entre a morte de Cristo e a sua intercessão, desejo enfatizar o fato de que a Bíblia afirma *a capacidade de Cristo para salvar totalmente o homem*. Ele não está limitado a um papel secundário como o grande Auxiliador que torna possível o homem salvar a si mesmo. Aqueles que se achegam a Deus por intermédio de Cristo encontrarão nEle uma salvação abundante e completa. Além disso, temos de recordar que Cristo intercede por aqueles que se achegam a Deus. Sinto que é óbvio o fato de que Cristo não intercede por aqueles

que não se aproximam de Deus por intermédio dEle. A intercessão de Cristo se realiza em favor do povo de Deus. Logo veremos o quanto isso é importante.

Sobre que fundamento Cristo intercede diante do Pai? Ele comparece na presença de Deus e Lhe suplica que esqueça sua santidade, sua justiça e simplesmente ignore os pecados dos homens? É claro que não. O Fi-

lho intercede diante do Pai fundamentado em sua própria morte. A intercessão de Cristo repousa sobre o fato de que Ele morreu como substituto do povo de Deus; e,

— ■ —

Para o calvinista, a expiação é como uma ponte estreita que segue em todo o caminho por cima do rio; para o arminiano, a expiação é como uma ponte larga que vai somente até metade do caminho.

— ■ —

visto que o Senhor Jesus levou sobre o seu corpo os pecados de seu povo, na cruz (1 Pedro 2.24), Ele pode apresentar sua oferta diante do Pai em lugar deles e, com base na sua morte, interceder em favor deles. O Filho não pede que o Pai comprometa a sua santidade ou simplesmente ignore o pecado. Cristo cuidou do pecado na cruz. Conforme lemos em Hebreus 9.11-12:

“Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio

sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”.

Quando Cristo entrou no Santo dos Santos, Ele o fez “pelo seu próprio sangue”. Ao realizar isso, somos informados que obteve “eterna redenção”. Novamente, essa não é uma afirmação teórica, e sim a declaração de um fato. Cristo não entrou no Santo dos Santos para tentar conseguir a redenção para seu povo! Ele entrou ali depois de já ter conseguido a redenção. Então, o que Ele está fazendo agora? A sua obra de intercessão é outra obra que se realiza independentemente de sua morte sacrificial? A morte de Cristo é ineficaz sem esta “outra” obra? A intercessão de Cristo não é uma segunda obra, independente de sua morte. Pelo contrário, Cristo está apresentando diante do Pai o seu perfeito e completo sacrifício. Ele é o nosso Sumo Sacerdote, e o sacrifício que Ele oferece em nosso lugar é o seu próprio sacrifício. Ele é o nosso Advogado, como disse o apóstolo João:

“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1 João 2.1-2). [Essa passagem frequentemente é utilizada para negar a expiação específica de Cristo; mas, quando consultamos a passagem correspondente em João 11.51-52, se torna evidente que João tencionava que a palavra “mundo”

fosse entendida no mesmo sentido em que é explicado para nós em Apocalipse 5.9-11, onde a morte de Cristo comprou homens de “toda tribo, língua, povo e nação”, ou seja, de todo o mundo.]

A expiação realizada pela morte de Cristo está claramente vinculada à sua advocacia diante do Pai. Por essa razão, podemos reconhecer as seguintes verdades:

1) É impossível que o Filho não interceda por alguém em favor de quem Ele morreu. Se Cristo morreu como Substituto deles, como não poderia Ele apresentar seu próprio sacrifício em lugar deles diante do Pai? Podemos crer que Cristo realmente morreu por alguém que Ele não tencionava salvar?

2) É impossível que alguém em favor de quem Cristo não morreu receba a intercessão dEle. Se Cristo não morreu em favor de determinado indivíduo, como poderia Ele interceder por esse indivíduo, visto que não tem bases sobre as quais Ele pode buscar a misericórdia do Pai?

3) É impossível que se perca alguém em favor de quem Cristo intercede. Podemos imaginar o Filho rogando ao Pai, apresentando sua perfeita expiação em favor de uma pessoa que Ele deseja salvar, e o Pai rejeitando a intercessão do Filho? O Pai sempre ouve o Filho (João 11.42). O Pai não ouvirá as súplicas do Filho em favor de todos os que o Filho deseja salvar? Além disso, se cremos que Cristo pode interceder por alguém que o Pai não salvará, temos de crer que: a) há divisão na Divindade — o Pai deseja uma coisa, e o Filho, outra; b) o Pai é incapaz

de fazer o que o Filho deseja que Ele faça. Ambas as idéias são completamente impossíveis.

Na oração sacerdotal de Cristo (João 17), podemos ver claramente que Ele não age como Sumo Sacerdote em favor de todos os homens. O Senhor Jesus distinguiu claramente entre o “mundo” e aqueles que, em toda a oração, são mencionados como pertencentes a Ele mesmo. E o versículo 9 ressalta fortemente esse argumento:

“É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus.”

Quando Cristo ora ao Pai, Ele não ora em favor do “mundo”, e sim em favor daqueles que Lhe foram dados do mundo, pelo Pai (João 6.37).

POR QUEM CRISTO MORREU?

Existem muitas passagens bíblicas que nos ensinam que o escopo da morte de Cristo limitou-se aos eleitos. Em seguida, apresentamos algumas delas.

“Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28).

Os “muitos” em favor dos quais Cristo morreu são os eleitos de Deus, como Isaías havia dito muito tempo antes:

“O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si” (Isaías 53.11).

O Senhor Jesus deixou claro que sua morte aconteceu em favor de seu povo, quando falou sobre o Pastor e as ovelhas.

“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas... assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (João 10.11,15).

O Bom Pastor entregou a sua vida em favor das ovelhas. Todos os homens são ovelhas de Cristo? É claro que não, pois muitos homens não conhecem a Cristo, e Ele disse que as suas ovelhas O conhecem (Jo 10.14). Depois, Jesus falou especificamente aos judeus que não creram nEle: “Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas” (João 10.26). Devemos observar que, em contraste com a idéia de que, se cremos, nos tornamos ovelhas do Senhor Jesus, Ele disse que os judeus não creram porque não eram suas ovelhas. Se uma pessoa é uma ovelha de Cristo, esta é uma decisão do Pai (João 6.37; 8.47), e não da ovelha!

“Andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave... Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Efésios 5.2,25-27).

Cristo entregou-se a Si mesmo em

favor de sua igreja, o seu corpo, com o propósito de purificá-la e torná-la seu corpo. Se este era seu propósito para com a igreja, por que Ele se entregaria por aqueles que não constituem a igreja? Ele não desejava santificar esses “outros” também? Mas, se Cristo morreu por todos os homens, há muitos, muitos, que permanecerão impuros durante toda a eternidade. A morte de Cristo foi insuficiente para purificá-los? É claro que não. Ele tinha outro objetivo em mente quando morreu por eles? [Não estou negando que a morte de Cristo teve efeitos para todos os homens e, na realidade, para toda a criação. Creio que a morte dEle é uma parte da “consumação de todas as coisas” em Cristo. Entretanto, estamos falando aqui apenas sobre o efeito salvífico da expiação vicária de Cristo. Alguém poderia argumentar que a morte de Cristo tem efeito sobre aqueles em favor de quem ela não tencionava ser um sacrifício expiatório.] Não, o sacrifício de Cristo em favor da igreja resulta em sua purificação; isso era o que Cristo tencionava para todos em favor dos quais Ele morreu.

“Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Romanos 8.32-34).

O Pai ofereceu seu Filho em nos-

so lugar. A quem se refere o pronome “nós” nesses versículos? O texto esclarece que são os eleitos do Pai, ou seja, “os eleitos de Deus”. Novamente, a obra intercessória de Cristo, à direita de Deus, é apresentada em perfeita harmonia com sua morte — aqueles em favor de quem Cristo morreu são os mesmos por quem Ele intercede. E, como essa passagem demonstra, se Cristo intercede por alguém, quem pode trazer acusação contra tal pessoa e esperar vê-la condenada? Portanto, reconhecemos o que já consideramos: Cristo morreu em lugar de alguém, Ele intercede por tais pessoas, que infalivelmente são salvas. A obra de Cristo é completa e perfeita. Ele é o Salvador poderoso, que jamais falha em realizar seu propósito.

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15.13).

Todos os homens são amigos de Cristo? Todos possuem o nome dEle? Todos se prostram diante dEle e O aceitam como Senhor? Todos obedecem os mandamentos de Cristo (João 15.14)? Isso não acontece, portanto, todos eles não são amigos de Cristo.

“Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tito 2.13-14).

Tanto o elemento de substituição da cruz (Cristo se entregou por nós)

quanto o propósito (remir-nos... purificar) da crucificação foram vigorosamente apresentados a Tito. Se o propósito de Cristo era redimir e purificar aqueles em favor dos quais Ele morreu, porventura, isso não aconteceu?

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1.21).

Cristo salvará o seu povo dos pecados deles. Eu pergunto o que Edwin Palmer me perguntou antes: Cristo realmente o fez? Cristo salvou ou não o seu povo?

“Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim;

e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gálatas 2.20).

Essa é a confissão peculiar de todo verdadeiro crente em Jesus. Nós morremos com Ele, nosso Substituto, Aquele que nos amou e se entregou em nosso lugar.

Temos visto que a Palavra de Deus nos ensina que Cristo morreu por muitos, por suas ovelhas, pela igreja, pelos eleitos de Deus, por seus amigos, por um povo zeloso de boas obras, por seu povo, por todos os crentes.

PURIFICADOS E SANTIFICADOS

É provável que alguém poderia escrever muitos volumes com estudos sobre a expiação realizada por Cristo. Não é nosso propósito fazer isso neste artigo. Ao invés disso, concluiremos nosso breve exame das Escrituras com as palavras de Hebreus 10.10-14:

“Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas. Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover

— ■ —

Que tipo de proclamação Deus honrará com seu Espírito: uma proclamação elaborada tendo em vista o “sucesso” ou uma proclamação que está presa à verdade da Palavra de Deus?

— ■ —

pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados”.

Ao mesmo tempo que consideramos algumas razões lógicas para crermos na expiação limitada e vimos várias referências sobre a morte de Cristo em favor de seu povo, essa passagem de Hebreus, acima de todas as outras, para mim, transforma

essa doutrina em um *imperativo*. Ouça com atenção o que essa passagem nos diz. Primeiramente, qual é o efeito do único sacrifício do corpo de Jesus Cristo? O que nos diz o versículo 10? “Temos sido santificados.” A língua grega usa o tempo perfeito nesse versículo, indicando uma ação completa realizada no passado. A morte de Cristo *realmente* nos tornou santos. Cremos nisso? A morte de Cristo verdadeiramente santifica aqueles em favor dos quais ela foi realizada? Ou simplesmente torna possível que eles se tornem santos? Essas perguntas não podem ser negadas com facilidade. O autor de Hebreus prossegue descrevendo como esse Sacerdote, Jesus, assentou-se à direita de Deus, de maneira diferente do que acontecia aos antigos sacerdotes, que tinham de permanecer fazendo sacrifícios continuamente. Ao contrário disso, a obra de Cristo é perfeita e completa. Ele pode descansar, pois seu único sacrifício se tornou *perfeito* para todos aqueles que em suas vidas estão experimentando a obra santificadora da parte do Espírito Santo. Cristo os tornou completos, perfeitos. Esse vocábulo se refere a um término, um fim. Cremos que a morte de Cristo fez isso? Se percebemos com clareza este ensino das Escrituras, estamos dispostos a alterar nossa crença e nossos métodos de proclamar o evangelho, para ajustar-se à verdade?

Uma crença comum precisa ser apresentada quando transmitimos a verdade. Muitos que acreditam em uma expiação “universal” ou não-específica afirmam que, enquanto Cristo morreu por todos, sua expia-

ção é eficaz somente para aqueles que crêem. Em outra oportunidade falaremos sobre o fato de que a própria fé é um dom de Deus, dada somente aos seus eleitos. Agora, ao responder esse argumento, queremos apenas referir-nos ao grande puritano John Owen:

“Poderia acrescentar esse dilema aos universalistas: Deus impôs a sua devida ira, e Cristo suportou as dores do inferno por todos os pecados de todos os homens, ou por todos os pecados de alguns homens, ou por alguns pecados de todos os homens. Se este último for correto — alguns pecados de todos os homens, isso significa que todos os homens têm alguns pecados pelos quais têm de responder a Deus, e, portanto, nenhum homem será salvo; pois, se Deus entra em juízo conosco, embora Ele o fizesse com toda a humanidade por apenas um pecado, nenhuma carne seria justificada diante dEle. ‘Se observares, SENHOR, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?’ (Salmo 130.3). Se a segunda opção for correta (o que nós afirmamos), isso significa que Cristo sofreu por todos os pecados de todos os eleitos no mundo. Se a primeira é correta, por que, então, todos os homens não se encontram livres da punição de todos os seus pecados? Você dirá: ‘Por causa de sua incredulidade, eles não crêem’. Mas esta incredulidade é pecado ou não? Se não é, por que eles devem ser punidos por sua causa? Se esta incredulidade é pecado, Cristo sofreu a punição devida a ela, ou não? Se Ele sofreu, então, por que esse pecado os impede, mais do que quaisquer outros pecados pelos quais Cristo

morreu, de participar dos benefícios da morte dEle? Se Cristo não sofreu por esse pecado, isto significa que Ele não morreu por todos os pecados deles. Eles devem escolher que posição têm de assumir” (John Owen, *A Morte da Morte na Morte de Cristo*; Londres, Banner of Truth, 1985, pp. 61-62.)

CONCLUSÃO

Alguns rejeitam a doutrina da expiação limitada utilizando fundamentos bastante pragmáticos. “Essa doutrina destrói o evangelismo, porque você não pode dizer às pessoas que Cristo morreu por elas, visto que você não sabe disso!” Mas, perguntamos, existe alguma vantagem em apresentar uma expiação teórica, um Salvador cuja obra é incompleta e um evangelho que é apenas uma possibilidade? Que tipo de proclamação Deus honrará com seu Espírito: uma proclamação elaborada tendo em vista o “sucesso” ou uma proclamação que está presa à verdade da Palavra de Deus? Quando os apóstolos pregavam o evangelho, eles não diziam: “Cristo morreu por todos os homens de todos os lugares; agora cumpre a vocês tornarem eficaz a obra dEle”. Os apóstolos ensinavam que Cristo

morreu pelos pecadores e que o dever de todo homem é arrepender-se e converter-se. Eles sabiam que somente a graça de Deus podia produzir arrependimento e fé no coração do homem. E, ao invés de ser um obstáculo à obra de evangelização dos apóstolos, essa mensagem era o poder que estava por trás da evangelização que eles realizavam. Eles proclamavam um Salvador “poderoso”, cuja obra é todo-suficiente e que salva total e completamente os homens! Os apóstolos sabiam que Deus estava trazendo os homens para Si mesmo, e, visto que Ele é o soberano do universo, não há poder no mundo que seja capaz de parar a sua mão! Ora, existe um fundamento sólido para a evangelização! E o que poderia ser mais estimulante para um coração dilacerado por culpa do que saber que Cristo morreu em favor de pecadores e que a obra dEle não é apenas teórica, e sim real?

A igreja precisa desafiar novamente o mundo com a proclamação ousada de um evangelho que é ofensivo — ofensivo porque fala sobre Deus que salva a quem Ele quer; ofensivo porque proclama um Salvador soberano que redime o seu povo.



*Nada menos do que a intervenção de Deus
pode trazer-nos à vida espiritual.*

Joe Nesom

REFÚGIO DIVINO

C. H. Spurgeon

*“O Deus eterno é a tua habitação e,
por baixo de ti, estende os braços eternos.”*

Deuteronômio 33.27

Os filhos de Israel, enquanto estiveram no Egito e peregrinaram pelo deserto, eram uma figura visível da igreja de Deus na terra. Nessa passagem, Moisés estava falando, primariamente, sobre eles, todavia, em segundo plano, se referiu a todos os eleitos de Deus, em todas as épocas. Ora, assim como Deus era a habitação de seu povo de Israel, Ele tem sido o refúgio de todos os seus santos durante todos os séculos. Deus era a habitação de Israel especialmente quando eles estavam em escravidão e seu jugo era pesado. Quando eles tiveram de fazer tijolos sem receberem palha, e os superintendentes de Faraó os oprimiram, eles clamaram ao Senhor. Deus ouviu o clamor dos filhos de Israel e enviou-lhes seu servo Moisés.

De maneira semelhante, frequentemente nos surgem épocas quando começamos a nos sentir oprimidos por Satanás. Creio que muitos crentes piedosos sentem a escravidão resultante da posição que ocupam. Mesmo alguns daqueles que nunca se converteram ao Senhor têm bastante sensibilidade para reconhecer que, às vezes, o serviço a Satanás é muito árduo, produz pouquíssima satisfação e envolve riscos terríveis. Alguns homens não podem fazer tijolos sem palha, por muito tempo, e não se tornarem relativamente conscientes de que estão em uma casa de servidão. Esses, que não fazem parte do povo de Deus, encontrando-se sob a pressão mental resultante da descoberta parcial de seu estado, voltam-se para algum tipo de justiça própria ou de

prazer, a fim de esquecerem seu fardo e seu jugo.

No entanto, o povo eleito de Deus, movido por um poder superior, foi levado a clamar ao seu Deus. Este é um dos primeiros sinais de uma alma eleita: ela parece saber, por meio de um instinto divino, onde se encontra o verdadeiro refúgio. Você recorda que, embora soubesse pouco a respeito de Cristo, tivesse pouca compreensão dos assuntos doutrinários e não entendesse a sua necessidade, alguma coisa o permitiu ver que somente no trono de misericórdia você poderia encontrar refúgio.

Antes de tornar-se um crente, seu leito testemunhou muitas lágrimas, quando seu coração magoado se derramava diante de Deus, em palavras assim: “Ó Deus, eu quero alguma coisa. Não sei o que eu desejo, mas sinto uma opressão de espírito. Minha mente está sobrecarregada e percebo que somente o Senhor pode me dar alívio. Reconheço que sou um pecador. Oh! perdoa-me! Não entendo bem o plano de salvação, mas eu sei que desejo ser salvo. Eu me levanto e vou ter com meu Pai. Meu coração anela tornar-Te o meu refúgio”. Digo que esta é uma das primeiras indicações de que essa pessoa é um dos eleitos de Deus. É verdade que, assim como aconteceu com o

povo de Israel no Egito, Deus é o refúgio de seu povo, mesmo quando eles estão sob opressão.

Quando termina o cativeiro, Deus se torna o lugar para que seu povo se refugie de seus pecados. Os israelitas foram tirados do Egito. Eles ficaram livres. Os israelitas não sabiam para onde estavam marchando, mas as algemas haviam sido despedaçadas. Eles foram emancipados e não precisavam mais chamar ninguém de “Senhor”. Porém, veja, Faraó ficou irado e os perseguiu. Com

seus cavalos e seus carros, ele saiu apressadamente atrás dos israelitas. O inimigo disse: “Perseguirei, alcançarei, repartirei os despojos; a minha alma se fartará deles” (Êxodo 15.9).

De maneira semelhante, existem épocas da vida espiritual em que o pecado se esforça para reconquistar o pecador recém-libertado de suas garras. Assim como exércitos preparados para a batalha, todo o passado de iniquidades do pecador corre atrás dele e o vence em um lugar onde seu caminho está cercado. O pobre fugitivo deseja escapar, mas não pode. Então, o que ele deve fazer? Lembre-se que, naquelas circunstâncias, Moisés clamou ao Senhor. Quando nada poderia oferecer refúgio aos pobres fugitivos, quando o mar Vermelho rugia diante deles e as monta-

*Este é um dos primeiros
sinais de uma alma eleita:
ela parece saber, por meio
de um instinto divino,
onde se encontra
o verdadeiro refúgio.*

nhas os encerravam, em ambos os lados, e um inimigo furioso os perseguia, havia um caminho que não estava obstruído. Era o caminho do trono do Rei celestial, o caminho do Deus dos israelitas. Por isso, eles começaram imediatamente a andar por esse caminho, erguendo seus corações em humilde oração a Deus, crendo que Ele os livraria. Você conhece a história: como o cajado erguido separou as águas profundas; como o povo passou pelo meio do mar, à semelhança de um cavalo no deserto, e como o Senhor trouxe todas as hostes do Egito às águas profundas, a fim de que elas as destruíssem completamente e nenhum daqueles egípcios ficasse vivo e não fossem mais vistos por aqueles que os viram.

Neste sentido, Deus ainda é o refúgio de seu povo. Nossos pecados, que nos perseguiram com tanto ardor, foram mergulhados nas profundezas do sangue do Salvador. Atingiram o fundo do abismo como pedras, as profundezas os encobriram totalmente. Nós, permanecendo firmes na praia em segurança, podemos cantar triunfantemente sobre os nossos pecados: “Cantarei ao SENHOR, porque triunfou gloriosamente; [todas as nossas iniquidades] lançou no mar...” (Êxodo 15.1).

Assim, Deus é o refúgio de seu povo, quando este se encontra sob opressão; e, quando o pecado tenta vencê-los, Deus também é o refúgio deles em tempos de necessidade. Os filhos de Israel viajaram pelo deserto, mas ali não havia alimentos para eles. A terra árida não produzia alho, nem pepino, nem melão. Não havia

rios, como o Nilo, para satisfazer a sede dos filhos de Israel. Eles teriam morrido de fome, se tivessem sido entregues à dependência do que o solo produzia. Eles chegaram a Mara, onde a água era bastante amarga. Em outras ocasiões, não havia nem águas amargas. O que eles deveriam fazer? O refúgio infalível do povo de Deus no deserto era a oração. Moisés, o representante deles, sempre se dirigia ao Altíssimo, às vezes caindo sobre o seu rosto, em agonia; em outras vezes, subindo ao topo do monte, para rogar, em solene comunhão com Deus, que Ele trouxesse alívio ao seu povo.

Você já ouviu que os israelitas se alimentaram de pão dos anjos, já ouviu que Jeová fez chover pão do céu sobre o seu povo, naquele horrível deserto, e que Ele fendeu a rocha, para que a água jorrasse. Você ainda não esqueceu como o vento forte soprou, trazendo-lhes carne, de modo que comeram e ficaram satisfeitos. Nenhuma de suas necessidades deixou de ser atendida. Suas vestes não se desgastaram. Embora houvessem viajado pelo deserto, os pés deles não se esfolaram. Deus supriu todas as necessidades dos israelitas. Em nosso país, temos de ir à padaria, ao açougue, às lojas de roupas, para conseguirmos as coisas necessárias, mas os israelitas recorreram ao seu Deus para todas as coisas. Temos de acumular nosso dinheiro e comprar isto em um lugar e aquilo em outro lugar. No entanto, o Deus eterno era o refúgio e o abrigo dos israelitas, para todas as necessidades. Em todas as circunstâncias de necessidade, eles tiveram apenas de levantar sua voz a Deus.

Ora, é exatamente essa a nossa condição hoje. A fé nos faz ver que nossa posição hoje é semelhante à dos filhos de Israel naquela época. Não importa quais sejam as nossas necessidades, “o Deus eterno é” nosso refúgio. Deus prometeu que seu pão e suas águas lhe serão dadas. Aquele que supre as necessidades espirituais não recusará as necessidades materiais. O poderoso Senhor nunca permitirá que você pereça, enquanto Ele tiver o poder de socorrê-lo. Não importa qual é o tipo de fardo que pesa sobre você, busque a Deus. Não imagine que seu caso é muito complicado, pois nada é impossível para o Senhor.

Não pense que Ele se recusará a satisfazer necessidades materiais. Ele se preocupa com você em todos os aspectos de sua vida. Dê graças a Deus por tudo que você é, e através da súplica e da oração você pode tornar as suas necessidades conhecidas diante dEle (ver Filipenses 4.6). Em tempos quando a vasilha de óleo está prestes a secar e as refeições, escassas, busque o Deus todo-suficiente. Você descobrirá que nada falta aos que confiam nEle.

Além disso, nosso Deus é o refúgio de seus santos quando seus inimigos se enfurecem. Quando as hostes do povo de Israel estavam peregrinando pelo deserto, foram atacadas repentinamente pelos amalequitas. Sem haverem sido provocados, esses saqueadores do deserto se lançaram contra os israelitas e derubaram alguns deles. Mas o que Is-

rael fez? O povo não rogou que um forte destacamento de cavaleiros alugados do Egito se tornasse o refúgio deles. Ainda que realmente houvessem desejado isso, aquele que era o líder sábio deles, Moisés, olhou para outro braço mais forte do que o do homem, pois clamou a Deus. Quão maravilhoso é o quadro de Moisés, com as mãos erguidas ao céu, sobre o cume do monte, proporcionando vitória a Josué, na planície. Aqueles braços erguidos foram mais valiosos do que dez mil homens, para as hostes de Israel. Vinte mil homens não conquistariam a vitória tão facilmente como aqueles braços erguidos, que fizeram descer do céu a própria Onipotência. Esta foi a principal arma de guerra dos israelitas: a sua confiança em Deus. Josué saiu com um poderoso exército, mas o Senhor, Jeová-Nissi, é a bandeira e o doador da vitória.

Assim, “o Deus eterno é” nosso refúgio. Quando nossos inimigos se enfurecem, não precisamos temer a sua fúria. Não procuremos estar sem inimigos, mas tomemos o nosso caso e o apresentemos ao Senhor. Enquanto permanecer a promessa: “Toda arma forjada contra ti não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás” (Isaías 54.17), nunca estaremos em tal posição que as armas de nossos inimigos nos poderão ferir. Embora a terra e o inferno se unam em malícia, o Deus eterno é nosso castelo e fortaleza, assegurando-nos um refúgio eterno.

ANDANDO A SEGUNDA MILHA

John Farese

Com frequência, alguns dizem que, “na igreja, 10% dos membros assumem 90% das responsabilidades”. Espero que isso seja um exagero, mas receio que essas palavras provavelmente são mais exatas do que alguns estão dispostos a admitir.

Uma conversa recente com um querido irmão em Cristo me constrangeu a escrever algumas palavras de consideração sobre este assunto.

Sinto constante necessidade de conselhos e de sabedoria da parte de pessoas que têm demonstrado, ininterruptamente, seu compromisso com Cristo e seu amor por Ele. Apesar disso, Deus me colocou numa posição em que outras pessoas se dirigem a mim em busca de conselho ou simplesmente para abrirem seus corações e compartilharem seus sentimentos e suas lutas.

Durante os dezessete anos em que tenho sido crente, tenho ouvido, por repetidas vezes, muitos crentes fazerem declarações como estas:

“Nunca fui convidado para desfrutar da hospitalidade da casa de

nenhum irmão da igreja”;

“As pessoas parecem tão frias nesta igreja”;

“Ninguém jamais telefona para mim ou conversa comigo nos cultos da igreja”;

“Jesus não aprovaria essas ‘panelinhas’”. Estou pensando em mudar de igreja”.

UM LUGAR DE AFABILIDADE

Talvez você já ouviu tais afirmações em sua igreja. É possível até que você já fez algumas delas! Bem, infelizmente, essas coisas sempre refletem a verdadeira experiência de uma igreja local.

Tal situação é dolorosamente infeliz, por várias razões. Primeira, isso não agrada a Cristo; não é o que Ele deseja para seu povo. Ele quer que sua igreja esteja transbordando de comunhão e hospitalidade para com todos.

Cristo deseja que sua igreja seja um lugar de intimidade e amor. Certamente, Ele não quer facções na

igreja e se mostra zeloso para que nenhum membro do Corpo sinta que não está sendo amado.

Segundo, se esses elementos existem em uma igreja, torna-se extremamente difícil evangelizar e convidar outras pessoas para virem aos cultos.

Sempre que convido pessoas para virem à minha igreja, sinto intenso desejo de que elas sejam dominadas pelo amor de Cristo, por meio dos irmãos e irmãs que têm demonstrado esse amor para comigo.

Desejo não somente que elas ouçam uma mensagem clara do evangelho, mas também que experimentem e observem como o evangelho age nas vidas dos membros da igreja.

Terceiro, quero ver o crescimento e o progresso da igreja, não somente em números, mas especialmente nas coisas do Espírito. Negligenciar o amor significa que o Corpo está ferido e tem de ser curado, antes que possa crescer mais.

Por último, tal situação é triste porque, na maioria das vezes, as coisas que os crentes lamentam são verdadeiras, pelo menos no que diz respeito à experiência daquele que está lamentando.

NOSSO MODELO

Então, o que dizer a pessoas que estão feridas e se abriram para você dessa maneira? Bem, eis o que eu faço. Primeiramente, esforço-me para confortar seus corações feridos. Procuo recordar-lhes que a igreja é constituída de pecadores redimidos, mas imperfeitos.

E, embora desejemos desfrutar de todas as bênçãos de participarmos de uma igreja local, não podemos encontrar consolo e confiança nas pessoas, e sim em Cristo. Temos de olhar para Jesus, a fim de que Ele seja nosso modelo e conselheiro em todas as circunstâncias.

Em seguida, eu lhes recorro as palavras do apóstolo Paulo, escritas em Filipenses 2.2-4: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros”.

Digo-lhes que a única maneira de uma igreja ser curada dessas coisas é seus membros pararem de focalizar a si mesmos. Os crentes têm de fazer para os irmãos aquilo que eles alegam os outros não estarem fazendo por eles.

COMPENSANDO

Em outras palavras, se os outros membros da igreja não o convidam para desfrutar da hospitalidade deles, convide-os à sua própria casa, não esperando receber nada em retorno (exceto vê-los motivados pelo amor de Cristo demonstrado em sua hospitalidade para com eles).

Se ninguém telefona para você, a fim de saber como você está se sentindo, telefone para eles e mostre sincero interesse pela vida *deles*. Observe bem os detalhes de sua conversa, de modo que você possa orar pelas necessidades e pelo crescimento espiritual deles. Encoraje-os, a fim de que sejam infectados por um amor

contagiante para com todos.

Os crentes que me procuram, eu os incentivo a ler 1 Coríntios 12, onde o apóstolo Paulo fala sobre as várias partes e funções do corpo de Cristo. Utilizo minha própria incapacidade física como exemplo.

Minhas mãos e meus pés não estão realizando suas funções. Portanto, meus olhos, meus ouvidos e minha língua têm de compensar as partes de meu corpo que não estão funcionando.

Eu poderia lamentar por causa de minhas mãos e meus pés, permitindo que eles me preservassem em improdutividade e inércia. Não, isso não! Pela graça de Deus, emprego os membros saudáveis de meu corpo para compensar aqueles que são improdutivos. Desta maneira, posso ser uma pessoa produtiva e causar diferença, tanto em minha vida como na vida de outros.

A SEGUNDA MILHA

Aos crentes que me procuram peço que digam essas coisas para si mesmos e para sua igreja. Se gastarmos todo o nosso tempo sendo críticos para com os membros que estão negligenciando suas responsabili-

dades, toda a igreja sofrerá. Com certeza, ela não melhorará!

Mas, se fizermos tudo que pudermos para compensar aquilo que está faltando e andarmos a segunda milha, por utilizarmos os nossos dons e talentos, creio que a igreja florescerá. Ela refletirá a glória de nosso Deus, da maneira mais prática possível, conforme Deus tenciona que façamos.

É claro que temos de orar e fazer tudo que pudermos para nos asseguarmos de que ninguém, em nossa igreja local, está sendo negligenciado ou (o que é pior) evitado. No entanto, a triste realidade é que alguns continuarão a sentir que não são amados, enquanto outros se limitarão a viver em seu próprio conforto.

Entretanto, se nós, que reconhecemos essas coisas nos tornarmos mais e mais envolvidos com aqueles que não se sentem amados e com aqueles que são complacentes, o Espírito de Deus transformará nossas igrejas. Poderemos em breve descobrir que 100% dos membros da igreja estão cumprindo 100% das responsabilidades que Deus lhes outorgou!

Que o “Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer” (Romanos 15.13).

John Farese, 46 anos de idade, é uma das pessoas a viver por mais tempo, depois de ser diagnosticado como portador de atrofia muscular espinal congênita. Ele vive deitado e utiliza um programa de reconhecimento da voz para operar seu computador; esse programa o capacita a fazer muitas coisas, desde ler a Bíblia até criar páginas de *web* para seus clientes na Internet.

John Farese vive com seu irmão, Paul, com sua cunhada, Janis, e seus quatro sobrinhos. A família de John tem providenciado o amor e o amparo de que ele necessita para ser capaz de desfrutar uma vida produtiva.